



Local Conference Call
Itaú Unibanco
Resultados do Segundo trimestre de 2016
03 de agosto de 2016

Operadora: Bom dia, senhoras e senhores. Sejam bem-vindos à teleconferência do Itaú Unibanco Holding onde será discutido o resultado do segundo trimestre de 2016.

No momento, todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessite de assistência durante a teleconferência, tecle “asterisco zero”.

Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores www.itaubr.com.br/relacoes-com-investidores, sendo que a transmissão de áudio é compatível com o Internet Explorer 9, ou superior, e com o Chrome, Firefox e dispositivos móveis (iOS 8 ou superior, e Android 3.0 ou superior).

Os slides desta apresentação estão disponíveis no site. O replay desta teleconferência estará disponível até 9 de agosto por meio do telefone +55 11 3193-1012 ou 2820-4012, código de acesso: 1974406#

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco, hoje, estão os senhores **Eduardo Vassimon**, Vice-Presidente Executivo, CFO (Chief Financial Officer) e CRO (Chief Risk Officer); e **Marcelo Kopel**, Diretor de Relações com Investidores.

Inicialmente o **Sr. Eduardo Vassimon** apresentará o resultado do segundo trimestre de 2016. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail. Agora eu passo a palavra ao **Sr. Eduardo Vassimon**.

Eduardo Vassimon: Bom dia, bem-vindos a mais uma teleconferência sobre os nossos resultados trimestrais. Eu iniciaria na página 2 com uma informação relevante, este trimestre marca o início da consolidação do CorpBanca no Chile. Nós temos entre 33% e 34% do capital, temos o controle do banco e passamos, portanto, a partir 1 de abril a consolidá-lo nas nossas demonstrações. Com o objetivo de permitir uma melhor comparação com períodos anteriores, nós construímos dados históricos *proforma*, incluindo 100% dos resultados oriundos do CorpBanca e destacando o resultado relativo ao acionista minoritário na linha “participações minoritárias em subsidiárias”. Naturalmente há algumas limitações nesse processo,



mas nós estamos convictos de que isto facilita a comparação e a leitura dos analistas.

Indo para a página 3, começando com os destaques do período, nós acreditamos que tivemos um bom trimestre num ambiente econômico ainda difícil, mas que começa a mostrar sinais mais positivos que permitem que a gente tenha uma visão um pouco mais construtiva em relação ao desenvolvimento da economia brasileira. Nós, em função da fusão com o CorpBanca, que tornou a operação da América Latina, fora Brasil, mais relevante, passamos a mostrar boa parte dos nossos números e indicadores segregando o Brasil do total.

Então, nesta página nós temos o lucro líquido recorrente do período de R\$ 5,6 bilhões, dos quais R\$ 5,2 bilhões foram obtidos no Brasil. Tanto no Brasil quanto no consolidado, nós temos um crescimento positivo, um crescimento relevante do lucro recorrente em relação ao trimestre anterior com um retorno sobre capital, tanto no consolidado quanto no Brasil, em torno de 21%. Em relação à qualidade de crédito, nós tivemos uma pequena elevação do NPL 90 de 10 pontos, 10 *basis points* tanto no Brasil quanto no consolidado. Nós iremos falar bastante de crédito mais a frente.

Na página 4, nós vemos a evolução do retorno sobre o patrimônio e vemos uma volta para o patamar de 20% ou acima de 20% de retorno sobre o patrimônio subindo, portanto, em relação ao trimestre anterior, tanto no consolidado quanto no Brasil.

Na página 5, nós temos os principais itens do nosso lucros e perdas. Eu queria chamar a atenção para alguns pontos. Primeiro, nós tivemos uma redução em torno de 5% da margem financeira gerencial neste trimestre quando comparado ao primeiro trimestre deste ano. Parte disto se deve à redução do resultado com o mercado, nós tínhamos obtido um resultado muito positivo no primeiro trimestre, R\$ 1,7 bilhão, neste trimestre um resultado ainda muito forte, mas um pouco inferior de R\$ 1,5 bilhão. Destacaria aqui a evolução muito positiva de receita de serviços, 6,6% no trimestre. Tem alguma sazonalidade, o primeiro trimestre tende a ser um pouco mais fraco, mas é um resultado bem positivo. No ano, nós ainda estamos um pouco abaixo da inflação, 7,1% de crescimento.

Outro item de destaque é em relação aos resultados de provisão para créditos de liquidação duvidosos. Nós tivemos uma redução relevante de 23% neste trimestre com o número indo de aproximadamente R\$ 7 bilhões para R\$ 5,4 bilhões.

Outro destaque é a evolução das despesas. Nós tivemos um crescimento de 4,6% neste trimestre, o número isoladamente é alto, mas aqui também temos uma sazonalidade relevante em relação ao primeiro trimestre, de forma que me parece mais adequado olharmos a evolução do primeiro semestre contra o primeiro semestre do ano anterior, onde nós temos 6,3% de crescimento, portanto, bastante abaixo da inflação que neste período foi entre 8,5% e 9%.

Com tudo isto, nós tivemos uma redução no lucro do primeiro semestre deste ano em relação ao ano passado de 19% antes de impostos e antes de participação de minoritárias, e na última linha de lucro líquido recorrente, portanto, após impostos, esta redução cai para 10%. Isso está ligado à uma alíquota implícita menor de



impostos e, olhando para frente aqui, a gente acredita que no ano fechado de 2016 a gente terá uma alíquota implícita aí entre 27% e 28%.

Indo para página 6, nós abrimos aqui resultados entre Brasil e América Latina, eu queria chamar a atenção aqui em relação ao Brasil, na margem financeira com clientes, nós tivemos em relação ao primeiro trimestre deste ano uma redução de cerca de 3%. Aqui teve um evento relevante, que foi um, que foram *impairments* de títulos da ordem de R\$ 540 milhões aproximadamente, que impactaram negativamente essa linha. Deduzindo este efeito nós temos tido crescimento da ordem de 1% na margem com clientes no Brasil. Com isto, nós tivemos, tanto em relação ao Brasil quanto América Latina, uma evolução positiva do lucro neste trimestre em relação ao trimestre anterior.

Indo para a página 7 nós temos a abertura entre crédito e *trading* de um lado e seguridade de serviços de outro. Vimos uma evolução relevante do resultado com seguridade de serviços aqui no *bottom line* com um lucro líquido recorrente crescendo de R\$ 3 para R\$ 3,4 bilhões, que mostra, na nossa avaliação, uma resiliência importante do nosso lucros e perdas nesta parte, que é menos sensível ao ciclo econômico. Em relação à parte de crédito e *trading*, nós tivemos uma redução de 2 para 1,8 em partes associado à própria redução de resultado da linha com o mercado, que eu já comentei.

Com isto, neste trimestre nós apresentamos um retorno sobre o patrimônio de 36% medido na forma de lucro recorrente para a operação de seguridade e serviços, que é um número bastante robusto, e na parte de crédito e *trading* em torno de 13%. Portanto, ainda abaixo do nosso custo de capital.

Na página 8 nós temos a evolução da carteira de crédito por tipo de produto. Aqui, como é reflexo no ambiente econômico, nós tivemos no trimestre uma redução da carteira de 4,5% quando a gente olha a carteira de crédito expandida incluindo títulos privados, avais e fianças. Se a gente excluir a variação cambial temos uma redução menor, da ordem de 1,6%. Eu destacaria de algumas linhas, a parte de cartão de crédito nós tivemos um número praticamente igual ao trimestre anterior; a carteira basicamente *flat* e em 12 meses uma redução de 3%. As carteiras que continuam a apresentar algum crescimento nominal na comparação com o trimestre do ano anterior são crédito consignado e crédito mobiliário, este último de forma mais relevante, que é consistente com a nossa estratégia de migração para linhas de produto de menor risco. Carteira de veículo continua apresentando reduções no segmento que tem apresentado uma queda no mercado como um todo importante.

Grandes empresas mostram no trimestre uma redução da ordem de 5%, aqui parcialmente afetada por variação cambial. Este mesmo efeito de variação cambial explica uma parte relevante da queda da carteira de América Latina, que contraiu 8% aproximadamente neste trimestre. Em América Latina, na parte debaixo desta página 8, eu só destacaria que a operação com o CorpBanca, o Itaú CorpBanca, que envolve não só o Chile como Colômbia, representa cerca de 85% da nossa carteira de crédito na América Latina, 65% no Chile e 20 pontos na Colômbia.



Indo para página 9 a gente mostra a evolução do mix de produtos. Aí nos últimos 4 anos a gente vê uma certa estabilidade em grandes empresas, uma certa estabilidade também em crédito pessoal e em cartão, uma redução que continua na parte de veículos e um crescimento relevante tanto em crédito imobiliário quanto consignado. Na parte de cima nós incluímos as operações de América Latina que não estão no bloco Brasil, e aí evidentemente você tem uma redução de todos os demais, todas as demais percentagens e América Latina assume uma relevância grande, 26,4% se a gente considerar a carteira total. Lembrando que a nossa participação econômica é de 1/3 nas operações de Chile e Colômbia e 100% em Argentina, Uruguai e Paraguai o que explica essa diferença entre o 26,4% e o 12,3% que está em amarelo à direita.

Na página seguinte, na página 10, nós mostramos a evolução da margem financeira. As operações sensíveis à *spread* mostram uma queda de 11,1% para 10,9%. Aqui tem, mais uma vez, o efeito daquele conjunto de *impairments* que eu mencionei, sem os quais nós teríamos observado uma elevação da margem de 11,1% para 11,4%. A margem ajustada à risco, está na parte de baixo, mostrou uma evolução importante em função do fato de no primeiro trimestre nós termos tido um volume muito alto de provisões que agora começa a se normalizar.

Na página 11, margem financeira com mercado, como eu já havia mencionado, um número bastante positivo, mas abaixo do primeiro trimestre deste ano. Na média móvel de um ano uma estabilidade em torno de R\$ 1,7 bilhão. Aqui nós havíamos indicado um ritmo da ordem de R\$ 5 bilhões por ano com os resultados já obtidos neste primeiro semestre e com a incorporação do CorpBanca, nós entendemos que o número mais adequado aqui deve ser da ordem de R\$ 6 bilhões para o ano de 2016.

Indo para página 12, começando a falar mais em detalhe de crédito, nós temos na parte de cima a inadimplência de 90 dias para o consolidado, portanto, incluindo América Latina, América Latina mostrando uma estabilidade num nível muito mais baixo do que os padrões brasileiros, aí em torno de 1%, 1,2%. No Brasil uma pequena elevação de 10 pontos, de 4,4% para 4,5%, fazendo com que o total também suba 10 pontos, de 3,5% para 3,6%. Na parte de baixo desta página 12, falando aqui agora só do Brasil, sempre do índice de inadimplência 90 dias, nós vemos uma pequena redução em pessoa física, de 6% para 5,9%, o que nos leva a acreditar que nós estamos nos aproximando de um período de estabilização em algum momento entre este ano e o primeiro semestre do ano que vem particularmente na pessoa física. Micro, pequenas e médias empresas é um segmento que continua a sofrer um pouco mais, tem um crescimento relevante aqui de 40 *basis points*, de 5,6% para 6%. Aqui tem um efeito importante de redução da carteira, do denominador. Nós temos já há algum tempo tido uma política um pouco mais restritiva em particular neste segmento. Sem o efeito de redução de base da carteira, este crescimento teria sido de cerca de 10 pontos apenas. Na parte de grandes empresas aí uma estabilidade ou um pequeno crescimento em relação ao trimestre anterior.



Indo para página 13 e falando aqui da inadimplência mais curta, de 15 a 90 dias, aqui nós temos apenas Brasil, este é um caso que a gente tem algumas limitações técnicas para recompor a parte de CorpBanca, então nós estamos neste momento apresentando apenas a evolução do Brasil. A pessoa física uma estabilidade, em 4,2%. Um pequeno crescimento de micro e pequenas empresas de 4,2% para 4,3%. E um grande crescimento aqui em grandes empresas. Este grande crescimento está totalmente relacionado a um caso específico de uma grande empresa que já está 100% provisionado que entrou em atraso e que, sem afetar o nosso *bottom line*, sem afetar o resultado, elevou este NPL. Sem este efeito, sem esta empresa especificamente, nós teríamos tido um número de 1%, portanto, teria sido uma queda de 1,5% para 1%. Aliás, esta mesma empresa vai produzir no próximo trimestre – é importante já adiantar –, uma elevação relevante no *over 90* de grandes empresas, de novo, sem nenhum efeito no resultado porque ela já está 100% provisionada, mas simplesmente pela evolução no tempo do atraso deste caso.

A próxima página, página 14, nós temos a evolução dos indicadores de crédito excluindo aqueles que já estão 100% provisionados. Nós vemos uma estabilidade já há vários trimestres na pessoa física, em torno de 2,3%. Na parte de pessoa jurídica nós vemos alguma revolução, algum aumento aqui, particularmente 20 pontos em relação ao trimestre anterior. Na parte de baixo nós temos o NPL *creation* onde nós vemos uma redução nominal do NPL *creation* nas 3 categorias aqui apresentadas, tanto o Brasil no atacado quanto a América Latina e varejo Brasil, todos uma redução nominal. Aqui eu acho que é um elemento importante, também faz com que nós acreditemos que a gente esteja mais próximos do processo do processo, pico das inadimplências. A relação de NPL sobre carteira aqui no atacado também caiu de 0,9 para 0,7. E aqui eu destacaria que o NPL *creation* deve subir de forma relevante no próximo trimestre pela mesma empresa que vai entrar em atraso, aquela mesma que fez crescer o NPL curto neste trimestre, a mesma que aumentará o *over 90* no próximo trimestre, de novo, 100% provisionado, mas gerará um crescimento relevante do NPL *creation* no próximo trimestre.

Na página seguinte, página 15, falando de créditos renegociados, nós tivemos um crescimento neste trimestre quando comparado com o trimestre anterior de R\$ 1,4 bilhão, dos quais R\$ 1 bilhão é simplesmente pela incorporação aqui do Itaú CorpBanca. O Itaú CorpBanca, dentro daquele processo de reconstrução do passado, ele está em vários dos nossos indicadores, exceto quando expressamente indicado, que é o caso aqui. No Brasil nós tivemos uma evolução de R\$ 400 milhões neste indicador. Na parte de baixo nós vemos a cobertura do NPL subindo de forma relevante aqui para 210% e, aqui mais uma vez nós teremos no próximo trimestre também uma redução desta cobertura porque aquele caso que eu mencionei que afetará vários indicadores, está classificado como renegociado, então veremos uma redução da cobertura em geral e de renegociados em particular.

Indo para a página seguinte, a página 16, a gente tem abertura de PDD por segmento. Nós vemos uma pequena elevação aqui no varejo, uma redução expressiva no atacado e, em consequência, uma redução relevante do todo. Nós acreditamos que nós teremos ainda uma, algum crescimento de PDD tanto de varejo quanto atacado nos próximos trimestres deste ano de forma moderada. Teremos



provavelmente um nível superior ao que a gente viu neste trimestre, mas inferior ao primeiro trimestre de 16, que nós entendemos foi o pico tanto do total quanto do atacado.

Na página 17 entro em cobertura do NPL 90 dias, números muito robustos aí com um crescimento bastante relevante. Ressaltando mais uma vez que a gente deve ver alguma redução do índice de cobertura no próximo trimestre em função, sobretudo, daquela operação que eu mencionei que vai passar para atraso de 90 dias.

Na página 18 é aquele conceito que nós introduzimos no trimestre anterior, uma nova maneira de enxergar a quebra do saldo de PDD. Nós tivemos aqui no total ainda algum crescimento de PDD e tivemos alguma migração do bloco de cima do potencial para o bloco do meio, que é o agravado, na medida em que nós havíamos feito PDDs em caráter antecipatório, alguns casos se confirmaram, entraram em atraso e, portanto, elas migram para a parte de baixo. Destacaria aqui da parte de atraso, que é o bloco inferior, uma parte substancial já está 100% provisionada, que é a parte verde do bloco em atraso.

Página seguinte o mesmo gráfico aí do consolidado, o anterior era apenas Brasil. E aqui no consolidado só uma informação, o CorpBanca está tudo incluído em atacado, aqui nós temos ainda alguma limitação de segmentação no CorpBanca está todo incluído no item atacado.

Indo para página 20, que mostra a cobertura de PDD, digamos, em relação ao NPL *creation* por segmento, nós vemos na parte superior o varejo com um comportamento bastante estável, com o índice sempre ligeiramente acima de 100%. No atacado ele flutua mais, está bem mais alto, 146%. Este índice em particular vai cair no próximo trimestre, deve ficar abaixo de, inclusive, de 100% em função daquela mesma operação que eu já mencionei algumas vezes. América Latina um índice também muito elevado e o total com um número que nos parece bastante saudável, bastante robusto, de 119%.

Indo para a página 21, falando aqui de receita de serviço e de seguros, eu gostaria mais uma vez de destacar o crescimento robusto aí de 6,6% no trimestre ressaltando que tem, sim, uma sazonalidade importante no primeiro trimestre que explica parte deste crescimento, mas nós vemos números bastante, me parecem bastante positivos de evolução. Quando a gente olha 12 meses, uma linha que se destaca negativamente é a linha de serviços ligados à operação de crédito e garantias prestadas que, evidentemente, está ligado ao cenário macro de redução de crédito de uma maneira geral.

Indo para a página 22, falando de despesas, aqui mais uma vez um crescimento grande nominal neste trimestre, mas, olhando os 12 meses, nós vemos 6,3, abaixo da inflação. E quando nós excluimos as operações no exterior e olhamos o Brasil apenas, nós temos 4,6, que me parece um número bastante positivo, muito abaixo da inflação e dentro da linha que a gente tem perseguido já há algum tempo de controle bastante restrito de custos. Na parte de baixo, eu queria só chamar a atenção do lado direito em relação a pontos de atendimentos. Nós continuamos o



processo de crescimento das nossas agências digitais, respondendo basicamente a uma necessidade dos nossos clientes, de novas demandas de formas de interação com o Banco.

Na página 23, passando aqui rapidamente em relação à índice de eficiência, nós vemos em relação ao segundo trimestre do ano passado um nível bastante próximo tanto no consolidado quanto no Brasil. Brasil um pouco abaixo, na faixa de 43,5%, e o consolidado em 45%.

Indo para página 24, falando de capital, eu destacaria aqui um nível bastante robusto de capital, de capital principal com regras integrais de Basileia, ou seja, antecipando todo o cronograma de Basileia, nós temos 13,2%. Lembrando que este número é após já a incorporação do CorpBanca. O crescimento deste número se deveu a 3 fatores basicamente, à geração de lucro, que foi importante neste trimestre; ao não crescimento da carteira de créditos; e à aceleração de aproveitamento de créditos fiscais, que está aí parcialmente ligado à variação do câmbio que teve uma apreciação, o real teve uma apreciação da ordem de 10% neste trimestre.

Falando na página 25 de projeções para 2016, aqui nós tivemos uma mudança relevante, que foi a incorporação do CorpBanca. Portanto, quando a gente olha o consolidado, as projeções anteriores e as revisadas não são diretamente comparáveis. Quando a gente olha, por exemplo, o crescimento de PDD nominal, ele está ligado substancialmente à incorporação das operações do CorpBanca, portanto, as projeções que são nominais, como é o caso desta, vão naturalmente mostrar um crescimento. Quando a gente olha aqui para o Brasil, eu destacaria uma mudança relevante na projeção da carteira de crédito. Aqui está ligado fundamentalmente a 2 fatores, que é a mudança da nossa projeção para câmbio, a expectativa de câmbio mudou de forma muito relevante da época que nós construímos as nossas projeções anteriores para esta agora revisada, de 4,5 para 3,25. Nós temos no Brasil cerca de 25% da nossa carteira de crédito denominada em moeda estrangeira, portanto, tem um impacto relevante; e a própria evolução negativa do PIB de 2,5% à época da construção da projeção anterior para esta também ajuda a explicar grande parte da revisão da queda da carteira de crédito. Margem financeira com clientes nós temos também uma redução. Aqui de novo tem um peso importante do câmbio.

Em relação a despesas de provisão para queda de liquidação duvidosa, nós estamos mantendo exatamente a mesma projeção anterior, aqui estamos falando de Brasil, estamos muito confortáveis com este intervalo. Receita de serviço e seguros também estamos mantendo um intervalo de 4,5 a 7,5, e em relação a despesas não decorrentes de juros nós estamos, na verdade, reduzindo aqui a expectativa de crescimento de despesa para um intervalo de 2,5 a 5,5 contra 4 a 6,5 anteriormente. O conjunto destas projeções é positivo aqui na nossa avaliação.

Finalmente, aqui na página 26 eu queria lembrar que nós anunciamos no início da semana uma bonificação de ações de 10%, em linha com a prática que nós temos adotado já há alguns anos, e isso naturalmente dependendo da aprovação da assembleia de acionistas. Nós mantivemos, além disso, dividendos mensais no valor



nominal de R\$ 0,015 que, na prática, representa um aumento de cerca de 10% no valor recebido mensalmente.

Com isso, eu encerro aqui a apresentação e estamos naturalmente, o Marcelo Kopel e eu, à disposição para responder às perguntas. Obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Nossa primeira pergunta vem de Gustavo Schroden, Bank of America Merrill Lynch.

Gustavo Schroden: Bom dia, Vassimon, Kopel, obrigado pela oportunidade. Eu vou fazer 2 perguntas. A primeira referente à provisão, despesa com provisão. Se a gente, se vocês passaram um *guidance*, se a gente trabalhar no ponto médio do *guidance* versus o que já foi feito, a gente ainda vê aí uns R\$ 12,5, R\$ 12,8 bilhões para ser feito ainda nos 2 próximos trimestres, que dá aí uns R\$ 6,4 bilhões por trimestre. Isso é acima do que foi apresentado agora no segundo trimestre. Você até comentou que deve ter um aumento realmente nestas provisões. Eu queria entender, porquê que o segundo trimestre foi mais baixo e o quê que pode levar este aumento para os 2 próximos trimestres e se vocês não consideram usar mais um pouco de provisão adicional que vocês têm daqui para frente? Depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

Eduardo Vassimon: Bom dia, Gustavo. Realmente as suas contas aqui estão alinhadas com as nossas projeções e, como eu mencionei, nós esperamos que haja algum crescimento das provisões aí ainda nestes trimestres. Eu mencionei também que, na nossa avaliação, o primeiro trimestre em termos de provisão deve ser o pico desse ano, até porque a gente antecipou boa parte, enfim, antecipamos vários casos, sobretudo no atacado, que nós julgávamos que poderiam representar um problema. Isso, aliás, explica parcialmente a redução que a gente viu nesse segundo trimestre.

A nossa expectativa, como eu falei, é de que a gente esteja caminhando para um processo de normalização e de alguma estabilidade tanto nos NPLs quanto nas provisões, mas ainda teremos aí algum crescimento este ano com possivelmente estabilização no primeiro semestre do ano que vem. Em relação a eventuais transferências da potencial para a agravada ou da complementar para a regulatória, esta é uma análise dinâmica que nós fazemos sempre avaliando aí, a partir dos nossos modelos, os cenários e, no caso, das operações de atacado têm um elemento de julgamento, mas em qualquer caso, independente de eventuais transferências, a gente está muito confortável com o intervalo que nós indicamos e entendemos que o ponto médio é hoje a melhor estimativa que nós temos para despesas de PDD do ano todo.



Gustavo Schroden: Tá ótimo. Só para complementar, este *guidance* de vocês, vocês já consideram alguma possível transferência de provisão da adicional para regulares?

Marcelo Kopel: Gustavo, a análise que a gente tem é, dentro da nossa potencial, o que nós temos, nós temos uma visão sobre setores da economia e eventualmente alguns casos. Na medida que eles se materializem de potencial para efetivamente atraso, pode ser que a gente faça novas transferências e, se a gente julgar que o que a gente tem de estoque de PDD precisa ser reforçado, a gente vai continuar fazendo reforço, tá. Essa é a leitura que a gente tem.

Gustavo Schroden: Está ótimo, obrigado. A segunda pergunta referente à margem. Se a gente excluir o efeito dos *impairments*, o NII teria subido uns 2% ano contra ano. Se a gente comparar com o crescimento da carteira de crédito é bem sólido esta dinâmica de margem e de NII. Eu queria entender, Como é que a gente pode entender daqui para frente, né? Ainda tem espaço para o NII continuar evoluindo dessa forma positiva? Se sim, isto está vindo da precificação nos ativos ou é mais um ganho que vocês têm na ponta, na parte dos passivos, ou seja, com o custo de *funding* mais baixo? E, se a gente for considerar que vai continuar tendo esta expansão de NII e margem, quando você acha que deve atingir o pico, né, ou seja, quando que o NII deve atingir o pico de crescimento e das margens?

Eduardo Vassimon: Gustavo, efetivamente a gente tem visto um comportamento das margens até um pouco melhor do que a gente estimava e ele vem fundamentalmente de reprecificação de produtos, nós continuamos a ver algum espaço neste processo de reprecificação que, nós entendemos, vai continuar por algum tempo. Nesse momento é difícil dizer quando atingiria um pico, mas nós estamos com uma visão pouco mais positiva em relação às margens em função deste comportamento deste trimestre.

Gustavo Schroden: Está ótimo, obrigado.

Operadora: A próxima pergunta vem de Domingos Falavina, JP Morgan.

Domingos Falavina: Obrigado, bom dia Vassimon, Kopel, Marcelo. Eu também gostaria de fazer 2 perguntas. A primeira, a gente notou uma desaceleração neste trimestre de NPL *formation* e também uma desaceleração de piora de NPL. Entendemos que vai ter um *one off* no trimestre seguinte por causa deste um *case* aí, que está entre 15 e 90, e também sabemos que vocês não passam um *guidance* oficial para 2017. Mas, quando a gente olha o nível total da provisão *guided* para este e como as coisas estão evoluindo em termos de NPL *creation*, vocês estimam que é possível a gente ver uma queda de provisão ano contra ano, ou seja, 2017 ser abaixo de 2016?

Eduardo Vassimon: Bom dia Domingos. Eu queria aqui só lembrar um pouco o cenário base com que a gente está trabalhando para os próximos meses e além. Nós acreditamos que o cenário mais provável é um cenário de consolidação da estabilidade política e avanços na parte de política econômica, particularmente em relação a aspectos fiscais. Neste cenário, a gente acredita que a economia possa voltar a crescer no ano que vem, nossa estimativa hoje é de 1% – há instituições outras que estão com crescimento superior a isso, 1,5% ou até 2% –, e dentro desse



cenário mais construtivo a gente não se surpreenderá se não houver crescimento da provisão no ano que vem. Seria compatível com este cenário mais construtivo.

Domingos Falavina: Perfeito. E minha segunda pergunta é só para ver se a matemática está fazendo sentido, eu notei que você comentou que o 15 a 90 foi impactado, teria sido 1% não fosse o *one case*, e veio 2,3%. Daria um de alta de 1,3% que, aplicado na carteira de *large corporate* de vocês, daria mais ou menos uns R\$ 2,4 bi. Só para ter uma idéia do quê que vai correr de, enfim, o que já está contratado de *new NPL formation* para o trimestre que vem, estes R\$ 2,4 bi, esta ordem de grandeza faz sentido?

Eduardo Vassimon: Faz sentido. A ordem de grandeza é esta.

Domingos Falavina: Está ok, obrigado. Parabéns pelo resultado.

Eduardo Vassimon: Obrigado.

Operadora: A próxima pergunta vem de Eduardo Rosman, BTG Pactual.

Eduardo Rosman: Oi, bom dia a todos. Eu tenho 2 perguntas também. A primeira é sobre o *guidance* de vocês e o lucro do segundo trimestre. Eu queria saber se dá para dizer que o lucro do segundo trimestre foi um ponto fora da curva aí dentro do resultado de 2016? Eu digo isto porque, assim, pelas minhas contas se a gente usar o meio ponto do *guidance* para todas as linhas a gente chega em um lucro entre R\$ 20,5 bi e R\$ 21 bilhões para o ano, né. Dado que o lucro do primeiro semestre fechou em R\$ 10,7 isso indica que vocês esperam uma queda de lucro no segundo trimestre, né. Então, eu queria saber se é isto mesmo, se vocês podiam dar um pouco mais de detalhes porquê que o lucro deveria cair no segundo semestre? Então, esta é primeira pergunta.

E a segunda pergunta é sobre crescimento de crédito. Eu acho que a gente viu uma queda grande no seu *guidance* de crescimento para 2016, eu sei que boa parte desta queda se dá para mudança do câmbio, né, mas mesmo assim é um número fraco. Eu queria saber quando que vocês acham que será possível voltar a crescer crédito? Eu acho que a gente viu também que a PDD potencial caiu, né, e isto provavelmente significa que vocês esperam ter menos perdas no futuro, né. Então, eu queria saber se dá para entender também isto como um indicativo que o apetite de risco pode aumentar. Obrigado.

Eduardo Vassimon: Bom dia Eduardo. Em relação ao lucro, como você sabe, a gente não dá *guidance*, a gente não faz projeção de lucro. Quando a gente olha o segundo trimestre, como eu mencionei numa outra resposta, eu acho que ele deve ser visto mais em conjunto com o primeiro, mais o primeiro semestre como um todo, porque no primeiro trimestre nós acabamos antecipando algumas provisões, o que fez com que o segundo trimestre fosse um pouco mais forte. Então, enfim, as suas contas parecem fazer sentido aqui para a gente em relação a lucro.

Em relação à crédito, eu acho que dentro desse cenário que eu descrevi, respondendo à pergunta anterior, é natural que a gente tenha um pouco mais de demanda de crédito e é natural também que nós possamos ir aos poucos ajustando os nossos critérios de crédito para ser um pouco menos restritivo. Nós acreditamos que ainda estamos naturalmente começando a trabalhar sobre o orçamento do ano



que vem, mas eu acho que é razoável admitir que a gente tenha algum crescimento real de carteira. Quando eu falo real eu digo acima do PIB para o próximo ano.

Em relação às provisões potenciais, evidentemente, como você lembrou, elas refletem, sobretudo através de modelos, as nossas expectativas e elas refletem também o próprio tamanho da carteira. Quando há uma redução da própria carteira é natural que a provisão se ajuste também a isto.

Eduardo Rosman: Está ótimo. Só um *follow-up* nessa última resposta. Vocês acham que o crescimento de crédito ela é uma, vamos dizer assim, ela é uma condição superimportante para vocês conseguirem crescer resultado no ano que vem ou dá para crescer lucro em 2017 mesmo sem crescimento de crédito? Ou seja, seria via queda de provisão ou, no fundo, o que eu estou querendo saber é o seguinte, dá para a gente ver o resultado do Banco crescendo sem crescimento de crédito no próximo ano?

Eduardo Vassimon: Eduardo, mais uma vez, é um pouco cedo ainda para a gente falar de 17, mas eu queria lembrar que na nossa dinâmica do PNL, quer dizer, as despesas têm tido um papel importante. A gente continua a ver espaço para reprecificação, conforme eu comentei, e neste cenário a gente, em princípio, não vê crescimento de despesas. O crescimento da carteira de crédito em si evidentemente, vai depender do cenário macro mas, de novo, a gente vê algum crescimento real acima do PIB.

Eduardo Rosman: Está ótimo, obrigado.

Operadora: A próxima pergunta vem de Rafael Frade, Bradesco.

Rafael Frade: Bom dia a todos. Eu tenho 2 perguntas. Uma é entender um pouco do lado de vocês o quê que seriam os indicadores ou os fatores que levariam vocês a permitirem reduzir o nível de cobertura de provisões hoje com relação à PDD? Quer dizer, vocês estão rodando aí já desde o fim de 14 num nível bem alto de cobertura, eu entendo que em algum momento vocês vão estar fazendo aí novas provisões basicamente sobre o NPL *creation* e aí a gente pode ver uma queda deste nível de cobertura de 200% talvez para 180%, 170%. Eu queria entender o quê que seria os indicadores que levariam você já terem essa, primeiro, se vocês fariam e, segundo, quais seriam os indicadores que levariam a isto?

E a segunda pergunta seria com relação aos *fees*. Vocês tiveram uma aceleração bem relevante aí no segundo tri e foi por todas as linhas. Eu queria entender só o quê que levou a esta aceleração, se teve alguma coisa específica e, em particular, na parte de cartão de crédito, onde me surpreendeu que, quando gente olha o volume tanto na parte de emissão como da adquirência, a gente teve volumes relativamente fracos, mas teve um crescimento de receita bem acima destes volumes. Então, também se vocês pudessem dar um pouco de cor nisso daí.

Marcelo Kopel: Oi, bom dia Rafael, é o Kopel falando. Então, aqui vamos primeiro começar falando da cobertura. A cobertura, a gente sempre fala que a cobertura ela não é uma meta nossa, ela acaba sendo uma consequência da nossa leitura, e o fato que ela vem subindo tem que estar totalmente ligado à antecipação, o caráter antecipatório do provisionamento que a gente fez. O Vassimon já comentou que a cobertura vai cair à medida que créditos que já estão provisionados, sejam eles



usando a terminologia do Banco Central na genérica ou na nossa potencial, à medida que se materializem isso vai fazer com que eles migrem para o NPL, gerem NPL *creation*, mas não necessariamente gerem mais PDD, mas vai diluir a cobertura. Então, a nossa expectativa é que a cobertura comece a cair. Acho que já no próximo trimestre a gente já deve ver consumo de cobertura por conta disto que eu falei. E, de novo, a gente trabalha, a cobertura acaba sendo sempre uma consequência do que a gente vê. Se a gente estiver acompanhando e tiverem casos novos que estiverem entrando, a gente vai estar reforçando PDD. Mas no próximo trimestre o que a gente está vendo é queda de cobertura.

Com relação a *fees*, de fato, a gente teve um trimestre muito bom. Algumas coisas são sazonais, então vamos falar de, por exemplo, na linha de recursos administrados neste trimestre você tem 63 dias úteis contra 61 no trimestre anterior, então você tem um efeito de aceleração aqui. Mas, quando você olha ano contra ano, a linha está crescendo 12% e o volume nessa linha cresceu quase 18%. Então, você tem motivos de negócio e você tem motivos de calendarização. Então, tem as suas coisas. Quando você olha serviços de crédito lá, que o Vassimon falou, e ele comentou essa como uma linha que está negativa ano contra ano, está diretamente ligada à concessão de crédito. Quando a gente olha a nossa carteira que ela está, a gente está concedendo menos, evidentemente que, esta linha que está diretamente ligada à concessão de crédito, ela acaba sendo impactada.

Na linha de cartões de crédito teve um pouco de sazonalidade mais fraca no primeiro trimestre, ela retoma um nível bom neste trimestre, e a gente está permanentemente revisando a carteira e as ofertas que a gente para os clientes.

Então, eu diria que isto nos encaixou de novo, como a gente falou, e o IB também apresentou um desempenho mais favorável neste trimestre. De novo, o IB ele não tem um comportamento linear, como vocês bem sabem, ele é mais errático ao longo do ano, mas a gente se sente bem à vontade com o *range* que a gente colocou nessa linha para Brasil.

Rafael Frade: Entendido, perfeito. Obrigado Kopel.

Operadora: A próxima pergunta vem de Francisco Kops, Banco Safra.

Francisco Kops: Bom dia a todos. Duas perguntas também. Uma, eu queria só explorar um pouquinho mais esse *impairment* de títulos na margem. Se pudesse dar um pouquinho mais de informação, se isso foi uma simples marcação a mercado de títulos para negociação ou isso realmente é um *impairment* de valor contábil de títulos mantidos ao vencimento e, se sim, enfim, se pudesse falar um pouquinho que tipo de título é este. A gente viu, por exemplo, no mantidos a vencimento, uma redução muito grande nos *eurobonds*, e se esse tipo de *impairment* e de redução pode se repetir aí ao longo do ano. Aí depois eu faço a minha segunda pergunta. Obrigado.

Eduardo Vassimon: Bom dia, Francisco. O *impairment* não é uma simples marcação a mercado, é a nossa avaliação de que a gente está diante de uma perda julgada definitiva. Ele está relacionado à títulos privados, com uma concentração em um emissor em particular e numa operação *held to maturity*. Em tese, nós podemos



ter no futuro outros *impairments*, mas, em qualquer caso, isto está refletido no nosso *guidance* de margem.

Francisco Kops: Perfeito. Então, por isto que, apesar de vocês estarem mais otimistas com *spread*, né, vocês mesmo falaram, e grande parte de redução do *guidance* de crédito vir por, pela expectativa de vocês de câmbio, né, diferente, mesmo assim a margem cai bastante. Então, vocês acham então realmente já está incorporado aí possíveis novos efeitos de *impairment*.

Marcelo Kopel: Kops, é o Kopel. Acho que quando você olha a margem ela evidentemente tem um impacto do câmbio que o Vassimon mencionou, mas se você olhar a proporção de queda entre volume e a margem, o que está implícito aí é que tem uma reprecificação que está acontecendo, tá certo, e o volume, a queda de volume a gente vem mostrando isto trimestre a trimestre. Parte é câmbio, mas parte é menor concessão. Então, eu acho que a combinação das duas, o *net* ainda é negativo, por isso que a gente abaixou a margem financeira com clientes, tá certo, e a mitigação é aquilo que a gente falou, tá. Então, é câmbio, sim, mas o resto também vem de positivo de precificação e negativo de volume.

Francisco Kops: Perfeito. Se eu puder fazer uma segunda pergunta, só explorar um pouquinho aqui o CorpBanca, já que neste trimestre vocês passaram a incorporar. Olhando o *proforma* que vocês apresentaram, o ROI das operações lá fora com o CorpBanca fica bem volátil, fica bem difícil de estimar. Vocês têm alguma idéia mais ou menos para passar para a gente o quê que seria um ROI mais normalizado das operações lá na América Latina e falar um pouquinho assim sobre estratégia? Assim, não fica tão claro para mim que na América Latina vocês têm a mesma vantagem de *fundings* que vocês têm aqui no Brasil. Eu não sei qual que é o potencial de crescimento de serviços lá na América Latina e eu não sei se tem muita sinergia com os produtos que vocês oferecem aqui no Brasil. Então, se puder explorar um pouquinho esta parte da América Latina seria ótimo. Obrigado.

Eduardo Vassimon: Francisco, a gente não tem evidentemente nenhuma projeção específica de ROI em relação à América Latina para divulgar, mas nós estamos falando normalmente de países que hoje têm um grau de estabilidade econômica maior que o Brasil, um ambiente de risco de crédito melhor, isso tende a levar um ROI um pouco inferior ao do Brasil.

Em relação a sinergias, a gente acredita que, evidentemente respeitadas as características de cada país, a gente pode, sim, aproveitar um pouco da nossa experiência em relação a alguns serviços e produtos que a gente desenvolveu aqui no Brasil. Eu tenho a impressão que particularmente em relação ao conceito de banco digital nós estamos, em relação a alguns países da América Latina, num nível um pouco à frente, que vai permitir que a gente use essa nossa experiência e leve alguns conceitos, alguns produtos novos para a América Latina. Evidentemente, esse é um processo relativamente longo, cujos efeitos vão aparecer aí ao longo do tempo.

Francisco Kops: Obrigado, Vassimon. Perfeito.

Operadora: Com licença, lembrando que para fazer perguntas, basta digitar asterisco um. Nossa próxima pergunta vem de Marcelo Cintra, Goldman Sachs.



Marcelo Cintra: Oi, bom dia a todos e obrigado pela pergunta. A minha primeira pergunta eu queria voltar um pouco no tema do *guidance* de crescimento de crédito. Na hora que a gente vê o número revisado de -10,5 a -5,5, é uma redução relevante, tudo bem, boa parte explicada pelo FX, mas, como vocês comentaram, também relacionada a menos concessões. E olhando para 2017 a gente ainda vê um crescimento, algum crescimento acima do PIB, como o Vassimon disse, mas ainda relativamente baixo possivelmente. Então, o crescimento da carteira média, que impactaria o NII, ainda deveria ser muito baixo, talvez *very low single digit*. Eu só queria entender como que a gente deveria olhar isto versus o crescimento de NII, porque um crescimento baixo da carteira média junto com uma Selic para baixo poderia pressionar um pouco o crescimento de NII. Isso é justo este pensamento, esse raciocínio, ou deve ter algo para ainda impulsionar o NII, ou seja, tem muito espaço para reprecificação e *spreads*? Depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

Marcelo Kopel: Oi Cintra, é o Kopel, bom dia. A dinâmica aqui de crescimento de carteira dado, em se confirmando aquele cenário aí que o Vassimon falou, de um crescimento ligeiramente acima de inflação, ou seja, algum crescimento real, vai ajudar, deve ajudar o NII o ano que vem. E só lembrando o seguinte, a precificação ela tem um componente importante de taxa de juros, mas provavelmente o peso maior é com relação ao que a gente espera perder. Na resposta anterior a gente falou que a gente que com este cenário a gente não contempla a PDD aumentar no ano que vem, tá certo, em isso se confirmando, e o que eu acho é que você vai ter uma combinação, e ao longo do período, e não adianta a gente olhar só um trimestre, existe movimentação entre a margem antes do custo de risco e a margem após o custo de risco.

Então, eu acho que, dependendo do período que a gente olha, você não vê compressão na margem após risco. O que você vê é uma redução na margem antes de risco, mas que vem com compensação na margem após risco. Acho que esta é a dinâmica que a gente deve observar. Mas, de novo, trimestre a trimestre você pode ter distorção porque uma não necessariamente acompanha a outra imediatamente.

Marcelo Cintra: Tá, não, ficou bem claro, perfeito Kopel. E a minha segunda pergunta é um pouco mais específica, sobre Rede. Na hora que a gente olha ali os volumes de Rede, nos últimos quatro trimestres vem caindo sequencialmente o *market share* e a gente tem visto essa mesma dinâmica ao longo dos últimos anos também. Eu queria só entender como que o Itaú vê esse movimento, se isto é preocupante ou se tem iniciativas internas para talvez recuperar este mercado em adquirencia? Obrigado.

Marcelo Kopel: O que a gente vê, de fato, tem uma competição. Primeiro, está acontecendo aquilo que o regulador esperava que acontecesse, que é maior competição. Então, dito isso, nós não vamos competir através de preço. Nós vamos competir através de ofertas de produtos e serviços. A gente lançou agora, acho que é um bom exemplo, é um negócio chamado "preço único", não sei se vocês acompanharam. O "preço único" é algo voltado para um segmento de clientes que tem preocupação com aquilo que eles vão necessariamente estar pagando, mas faz bom uso daquilo que a gente está oferecendo. Então, isso tem um nicho que a gente



vai procurar estar competindo no mercado com iniciativas deste tipo, ou seja, entrando em segmentos ou olhando a demanda, o quê que o nosso cliente gostaria de ter e estar atendendo ele através deste tipo de coisa. Isso é feito ao longo do tempo, então não necessariamente a gente vê resultados imediatos disto daqui.

A nossa atenção, evidentemente que nós temos atenção ao tamanho que nós temos no mercado, mas a gente continua priorizando a rentabilidade do negócio e se diferenciar através de serviços e produtos, e não através de preço.

Marcelo Cintra: Está ótimo Kopel, obrigado.

Operadora: A próxima pergunta vem de Lucas Lopes, Credit Suisse.

Lucas Lopes: Bom dia a todos. Eu queria fazer uma pergunta rapidinha sobre avais e fianças. Na semana passada o Banco Central divulgou uma resolução que estabelece os procedimentos para o provisionamento de garantias financeiras prestadas. Então, se vocês puderem compartilhar com a gente como é que vocês fazem o provisionamento de avais e fianças hoje e quais são as mudanças que vocês imaginam para 2017, já que esta resolução passa a valer a partir do ano que vem? E, assim, por mais que a resolução não dê nenhuma diretriz, qual que é o montante de provisionamento que precisa ser feito para este tipo de operação e se vocês estão confortáveis com o nível de provisão que vocês têm para este tipo de produto ou se é muito cedo para dizer? Obrigado.

Eduardo Vassimon: Bom dia, Lucas, é o Vassimon. Nós estamos muito confortáveis com o nível de provisão que a gente tem. Aliás, não só em relação a este produto, mas em relação à nossa carteira de crédito em geral. Essa norma do Banco Central ela vem, na nossa avaliação, basicamente formalizar uma situação que, de fato, já era seguida por alguns bancos. Nós, em particular, já constituímos na provisão potencial, na complementar, provisões para eventuais perdas de avais e fianças. Então, não terá, no nosso caso, nenhum impacto esta norma do Banco Central. Lembrando que no caso de avais e fianças, no nosso caso, uma parte importante dessa carteira é de fianças fiscais que têm um histórico muito positivo de inadimplência com realmente pouquíssimos casos, e nós temos as nossas avaliações, os nossos modelos para constituir as provisões, de forma que estamos muito confortáveis e esta norma não terá impacto para a gente.

Lucas Lopes: Obrigado Vassimon.

Operadora: A próxima pergunta vem de Carlos Daltoso, Banco do Brasil.

Carlos Daltoso: Bom dia a todos, pessoal. Obrigado por aceitarem a pergunta. Duas perguntas rápidas. A primeira é com relação à alíquota efetiva de imposto de renda, ela veio num patamar historicamente baixo aí. Eu queria saber o quê que a gente pode esperar para os próximos trimestres com relação à alíquota efetiva.

E a segunda pergunta é com relação a Recovery. No segundo trimestre aí houve a migração de uma carteira de R\$ 5 bilhões para a Recovery, para essa empresa, e eu entendo que é uma transação intragrupo, né, sem efeito contábil no consolidado, mas eu gostaria de entender qual a política de utilização desta companhia e se isso pode acelerar a receita de recuperação de crédito baixados para prejuízo nos próximos trimestres?



Eduardo Vassimon: Bom dia, Carlos, Vassimon. Como nós indicamos rapidamente durante a apresentação, a gente entende que, sim, haverá alguma elevação de alíquota implícita de imposto para o segundo semestre de forma que o total do ano fique aí entre 27% e 28%, portanto, acima do nível observado no segundo trimestre.

Em relação à Recovery, nós fizemos este investimento no final do ano passado na Recovery basicamente em função da expectativa de termos um desempenho na recuperação de créditos, na cobrança de créditos, acima do que a gente vinha tendo, digamos, dentro de casa, dentro dos nossos próprios esforços. Embora uma empresa consolidada, ela opera hoje com razoável grau de autonomia operacional e estes R\$ 5 bilhões de operações que, como você lembrou, não tiveram nenhum impacto no resultado, como de resto, nenhuma transferência ou cessão de ativos teve nenhum impacto relevante neste trimestre, mas ela está associada a essa estratégia de utilizar mais a experiência, a *expertise* da Recovery. A gente espera, sim, que a Recovery tenha uma taxa de sucesso na recuperação de créditos superior à taxa que nós vínhamos observando nos nossos esforços internos. É difícil dizer ainda neste momento quanto que isto representaria, mas esta é uma atividade que a gente espera crescer de forma substancial nos próximos trimestres, seja carteiras próprias nossas, seja prestando serviços para terceiros.

Carlos Daltoso: Só para entender direito, Vassimon: Estes R\$ 5 bilhões já estavam baixados para prejuízo?

Eduardo Vassimon: Sim, baixados para prejuízo, totalmente provisionados, portanto, e sem nenhum impacto no resultado.

Carlos Daltoso: Ok, obrigado.

Operadora: Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Eduardo Vassimon para as considerações finais.

Eduardo Vassimon: Bom, agradeço aí a atenção de todos. Eu queria só ressaltar mais uma vez que nós consideramos que este foi um trimestre bastante bom, com resultados sólidos. O Banco está com um nível de capitalização e de liquidez muito elevados, um nível de 13,2 de capital principal já descontando todo o cronograma, a liquidez que nós passamos a divulgar pela primeira vez de 190% de LCR, portanto, em condições muito favoráveis para uma eventual retomada do crédito quando a gente sentir conforto e quando a gente identificar melhor demanda.

Nós estamos com um balanço, na nossa avaliação, bastante protegido contra perdas potenciais e o desempenho mais recente dos indicadores de crédito nos levam a acreditar que a gente está começando a se aproximar do final deste processo, provavelmente no primeiro semestre do ano que vem, sem nenhum crescimento relevante daqui até lá tanto de NPL quanto de provisões.

Continuamos muito focados na geração de receita de serviços, que tiveram um desempenho muito favorável neste trimestre, continuamos muito empenhados em controle de despesa, de forma que este conjunto todo, na nossa avaliação, traz um resultado final potencial bastante favorável.



E em termos macroeconômicos, reforçando, nós estamos vendo uma dinâmica melhor, com desaceleração do ritmo de inadimplência e uma perspectiva mais favorável.

Obrigado mais uma vez e bom dia a todos.

Operadora: A teleconferência do Itaú Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.